

Carlota Joaquina e a Formação de Mitos

Mirella Izídio¹

Resumo

Esta resenha procura trazer à tona reflexões sobre o filme *Carlota Joaquina, Princesa do Brasil* de Carla Camurati relacionando com pensamentos de construção de identidades arrolados por José Murilo de Carvalho, no livro *A Formação das Almas: O imaginário da república no Brasil*. Heróis, mitos e estereótipos também são colocados em evidência através de uma breve análise semiológica da película.

Palavras-chave: *Carlota Joaquina; Identidades; Mitos.*

Carlota Joaquina: Princesa do Brasil (1995)

Direção: Carla Camurati. Brasil, Elimar Produções Artísticas, 100 min.

“Se os homens e as suas condições aparecem em toda a ideologia invertidos como numa câmara escura, este fenômeno deriva de seu processo vital histórico...”

(Marx, Ideologia alemã, I, p. 157)

Carlota Joaquina, Princesa do Brasil é um filme brasileiro de Carla Camurati lançado em 1995. A película remete ao século XVIII e faz a recontagem de um período da História de Portugal e do Brasil sob a perspectiva da biografia de Carlota Joaquina, princesa espanhola casada com D. João, herdeiro do trono português.

Carla Camurati tece uma teia mitológica na construção das personagens de sua obra. As personalidades das figuras apresentadas são construídas em tom caricatural.

¹ Aluna de graduação do curso de Comunicação Social – Jornalismo na Universidade Federal de Pernambuco.

Como numa charge, os traços mentais são enfatizados fisicamente. Ao fazer isso, a autora cria uma atmosfera de ridicularização, no sentido de levar as cenas no teor de sátira, capta elementos do senso comum, do imaginário manifesto, próprio do ambiente do riso.

Certos aspectos na narrativa do filme devem ser levados em consideração como o fato de a história de Carlota Joaquina está sendo contada a uma criança de 10 anos. Algumas observações podem ser feitas como a ocorrência de essa criança não ser nem brasileira nem portuguesa - ela fala inglês - e acreditar em imagens do Brasil que representam figuras mitológicas (“Nunca fui ao Brasil, pois soube que lá há borboletas gigantes que sugam o cérebro das pessoas”). É como se essa criança, chama-se Yolanda, simbolizasse o título do livro de José Murilo de Carvalho, a *Formação das Almas*.

José Murilo aponta a importância do imaginário dizendo que é por meio dele que se pode atingir não só a cabeça, mas, de forma especial, o coração e que a manipulação do imaginário social é particularmente importante em momentos de transição social e política. Ora, a revolução francesa, o período napoleônico e a vinda da família real ao Brasil representam esse momento transitório no qual a fantasia popular foi moldada (“Carlota chegou ao Brasil com a cabeça enfaixada por causa de piolhos e as pessoas acharam que era a última moda na Europa”) e que permanece sendo recontada de forma despreocupada e risível até hoje. Era um momento de redefinição das identidades coletivas (“O povo teve de aprender a se comportar adequadamente diante de uma princesa”). Como José Murilo de Carvalho diz, é preciso se apoderar do imaginário do povo, não basta mostrar a verdade é preciso fazer com que essa realidade seja amada. Para catalisar esse fenômeno, a língua e a religião são os instrumentos utilizados e, por fim, foram as responsáveis pela inserção social na construção de um sentimento nacional.

Em *A Formação das Almas*, o autor debate a importância dos heróis como importantes ferramentas para construir a cabeça e o coração do cidadão. Existe um impasse em definir um herói que unifique o sentimento nacional. Tiradentes e Nossa Senhora Aparecida são as duas personagens que mais se aproximam desse título. No entanto, na “sátira épica” de Carla Camurati, a autora não tem a mínima pretensão de conferir qualquer aura heróica a nenhum de seus personagens. Tiradentes, inclusive, é citado de passagem quando Lorde Strangford está convencendo D. João a partir para o Brasil: “Se as idéias da Revolução Francesa já chegaram à colônia... veja a conspiração dos oficiais de Minas Gerais, deve haver outros mais como Tiradentes conspirando contra vós”. Como Mário de Andrade em *Macunaíma*, ela constrói a história dos anti-heróis do Brasil: uma rainha

demente, um príncipe medroso e uma princesa devassa. Pode-se observar que, ainda de forma caricatural (“Pedro era epilético, mas era como sua mãe, adorava sexo, seu apetite era famoso por toda a cidade. Todas as mulheres faziam seu gosto, francesas, polacas, negras e índias”). Carla Camurati confere a D. Pedro um ar carismático, uma simpatia que o faz ser um esboço de herói (“E por sua ajuda nesse processo constitucional, o povo brasileiro aprendeu a amar e a respeitar D. Pedro. E transformou-se em herói quando proclamou a independência um ano depois.”). José Murilo de Carvalho mostra que os valores imperiais e religiosos são os que mais resguardaram valor mesmo depois do advento da república. Por isso que, mesmo após a proclamação, os imperadores Pedro I e II, por mais a imagem de sua posição estivesse desgastada, agregavam valores históricos e impunham respeito ao povo brasileiro.

A Semiologia e os Mitos

A Semiologia, ciência geral dos signos, analisa a construção e a forma dos mitos. Apreendendo o filme *Carlota Joaquina*, pode-se perceber que há dois séculos a imagem estereotipada e deturpada da família real portuguesa que constitui a história do nosso país continua viva. Roland Barthes em seu livro *Mitologias* diz que há mitos muito antigos, mas que não existem mitos eternos, pois é a História que transforma o real em discurso e “é ela e só ela que comanda a vida de uma linguagem mítica”. Sendo assim, o mito da família real no imaginário brasileiro obedece a uma lógica própria devido à cultura do país. Barthes explica que a Semiologia ensina que a função do mito é transformar uma intenção histórica em natureza, uma contingência em eternidade. Para isso, o mito induz a raciocínios perigosamente lógicos – “O Brasil foi o lugar onde D. João se tornou rei, um verdadeiro rei, pois, em Portugal era considerado só um infante, que, por sorte, chegara à Coroa”.

O francês atesta ainda para a existência de mitos fortes e mitos fracos. Ele explica que nos primeiros o quantum político é imediato, a despolitização abrupta. Como as personagens de Carla Camurati, em que todos os feitos políticos estão encobertos pelas curiosidades de suas personalidades. Eventualmente citam-se esses feitos: “E foi triste para D. João deixar o Brasil. Jamais veria suas fantásticas palmeiras crescerem no Jardim Botânico que ele fundara e que era sua paixão”. As importantes modificações políticas, sociais e culturais que D. João trouxe ao Brasil como a fundação do curso de Medicina, construção da fábrica de pólvora, entre outras, são relegadas ao esquecimento. Curioso: o

filme retrata uma fase de respeitável alteração para o Brasil, no entanto a autora subtrai os elementos essenciais dessa transição em detrimento de miudezas, detalhes da vida íntima dos nobres da época elevados ao extremo (“D. João era quase uma moça, tão doce e gordinho. Passava o tempo olhando para as flores, rezando e pensando em comida”). Antes de ser infante, príncipe regente ou rei, D. João era um palerma gorducho, atestando a despolitização abrupta que Roland Barthes fala. Quanto aos mitos fracos, o semiólogo francês explica que a qualidade política do objeto que constitui esses mitos “desbotou”, como uma cor, mas um acidente mínimo pode revigorá-la totalmente como o caso da rainha D. Maria no filme, que é um mito discreto, porém latente que surge na memória do povo como num lapso e a primeira imagem surgida vem agregada ao título de “D. Maria, a Louca”.

Carlota Joaquina resume uma tendência de pensamento mitológico brasileiro seguido de obras mais recentes no mesmo tema (*O Quinto dos Infernos*, mini-série de Carlos Lombardi exibida na TV Globo em 2002; o livro de Laurentino Gomes, *1808: como uma rainha louca, um príncipe medroso e uma corte corrupta enganaram Napoleão e mudaram a história de Portugal e do Brasil*). Roland Barthes explica que:

A mitologia participa de um construir do mundo, tomando como ponto de partida permanente a constatação de que o homem da sociedade burguesa se encontra, a cada instante, imerso numa falsa natureza, a mitologia tenta recuperar, sob as inocências da vida relacional mais ingênua, a profunda alienação que essas inocências têm por função camuflar (BARTHES, 1956, p. 175).

A obra de Carla Camurati é mais uma versão que essa sociedade encontrou para “alegorizar” sua história. E a autora encerra seu filme com as palavras que ilustram a lógica de como os mitos tentam se proteger na História oficial: “O problema com a História é que quanto mais se lê, menos se sabe. Cada um tem uma versão diferente para o mesmo fato. ‘Quem sabe?’ essa é a sua resposta”.

Referências Bibliográficas

BARTHES, Roland. *Mitologias*. Tradução de Rita Buongiorno e Pedro de Souza. 9. ed. São Paulo: Editora Bertrand Brasil S.A., 1993.

CARVALHO, José Murilo de. *A Formação das Almas: O imaginário da república no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.